

ENTREVISTA COM
MÃE FLÁVIA PINTO
babá de Umbanda



Mãe Flávia Pinto é ativista pelos Direitos Humanos, nascida e criada na favela da Vila do Vintém, em Padre Miguel/RJ. Aos dez anos de idade teve sua mãe assassinada pelo padrasto. Permaneceu, junto com o irmão de três anos, com o corpo da mesma dentro de casa por três dias até receberem ajuda dos vizinhos. Seu pai era traficante e também foi assassinado quando a mesma tinha três anos de vida.

Aos 22 anos recebe um chamado ancestral e funda o templo de umbanda Casa do Perdão, sobre determinação do Caboclo Ventania D'Aruanda. Tornou-se socióloga como aluna bolsista na PUC-Rio, é mestranda em Sociologia Política pelo IUPERJ e especialista em Gestão Pública Metropolitana, pela ENAP, e em Política Pública de Gênero na América Latina, pelo IPPDH. É escritora e foi Coordenadora de Diversidade Religiosa da Prefeitura e do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

É membro do Comitê Nacional de Diversidade Religiosa e do Conselho Estadual de Diversidade Religiosa e ganhadora do Prêmio Nacional de Direitos Humanos (2011), entregue pela então presidenta Dilma Rousseff. Oferece, voluntariamente, assistência afro religiosa para a população carcerária feminina desde 2004, atualmente nas unidades Nelson Hungria e Santo Expedito.

A “Campanha Tire os Fundamentalismos do Caminho: Pela Vida das Mulheres” vem construindo espaços de diálogo e articulação entre mulheres que historicamente enfrentam os fundamentalismos, como é o caso da Mãe Flávia. Na presente entrevista conversamos sobre a relação da prática religiosa de matrizes africanas e as mulheres, a população LGBTQIA+, as crianças e também as mulheres em situação de cárcere no contexto da pandemia do Covid-19 e antes.

COMO TEM SIDO CONSTRUIR UM ESPAÇO DE TRABALHO EDUCACIONAL E PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS DURANTE A PANDEMIA DESDE A CASA DO PERDÃO?

Na minha posição matriarcal, tendo um terreiro que é um quilombo urbano dentro de uma área periférica, o que a gente constatou com os nossos próprios olhos é que a pandemia do Covid-19 acirrou a fome e a desigualdade que já eram existentes na sociedade brasileira e no planeta, mas acirrou ainda mais para aqueles mais pobres e mais pretos, então as pessoas ficaram com menos acesso a trabalho. Levando em consideração que muitas pessoas pobres vivem de bico, e que sem transporte não tinha como fazer bico, a fome aumentou.

Com a fome, vem a violência. E a violência afeta, principalmente, mulheres e crianças. Então, as ações sociais desenvolvidas por todas as instituições religiosas foram fundamentais. Só a Casa do Perdão atendeu 1.400 famílias através de uma parceria com Unicef, Ong Criola e Josefinas. Vieram outras instituições parceiras através dessas, como o Boticário, as Lojas Americanas, a Natura... de modo que conseguimos atender a essas famílias e mais 30 outras instituições religiosas dentro do terreiro de Umbanda: igreja evangélica, igreja católica e centro kardecista. Distribuímos também para abrigos de mulheres, asilo e duas unidades penitenciárias. Todas as cestas, dessas 1.400,

vieram acompanhadas de material de higiene. 300 delas continham alimentos perecíveis e orgânicos, como alface e cenoura. Foi fundamental para essas famílias, porque muitas estavam sem comer nada. A gente viu a fome muito de cara.

Um outro dano que a pandemia trouxe foi o prejuízo no sistema de aprendizagem e sistema cognitivo de crianças mais pobres e pretas também. Ou seja, crianças de escola particular seguiram sua vida escolar normalmente. As crianças mais pobres, não. Elas seguiram as suas vidas fora da escola e mais tempo dentro de casa, com pai e mãe sem trabalhar, aumentando a violência. Então, além de não estarem na escola, ficaram submetidas à fome, ficando mais vulneráveis à violência - lembrando que a escola pública garante, no mínimo, uma refeição diária.

Aumentou em mais de 50% o número de pedofilia esse ano com a pandemia. Levando em consideração que a pedofilia é um crime pouco denunciado, podemos projetar essa escala para pelo menos mais 5, que é a estimativa sugerida pelos especialistas dessa área. As crianças ficaram sem estudar, ou seja, as crianças mais pobres ficaram numa defasagem frente a outras crianças. Os especialistas da área da educação, que não é o meu caso apesar de ser professora de sociologia, dizem que o período de um ano sem estudo cria um déficit no sistema cognitivo da criança que, para ser recuperado, leva dois anos. Ou seja, ficou um ano sem estudo, estagnou a área da

aprendizagem. O sistema nervoso da área da aprendizagem ficou parado por um ano. Desta forma, ano que vem ele voltará a ser estimulado, para só no outro ano começar a ser desenvolvido, tanto que a gente começa o processo de alfabetização através de estímulos sensoriais. Ninguém vai já alfabetizando uma criança, então esses estímulos foram interrompidos. Tanto que o que a gente fez, tudo que a gente critica tem que ter uma ação propositiva; não adianta ficar só batendo no governo. Então, a ação da Casa do Perdão foi retomar o reforço escolar para atender o mínimo de crianças, para prejudicar menos elas. E realmente a gente constatou isso.

Quando as crianças chegaram à Casa do Perdão, as que já estavam sendo alfabetizadas desaprenderam a ler e a escrever, elas retomaram o sistema de aprendizado. Nós ouvimos de inúmeras crianças: "Tia, eu sabia ler, agora eu não sei mais", "Tia, eu não sei mais que letra é essa. Eu lembro dela, mas não sei qual é". A gente está com 22 crianças atualmente, oferecendo 4 refeições, não almoço por conta da estrutura financeira, mas a gente oferece café da manhã e lanche. Recentemente, levamos as crianças para exame de vista gratuito através de uma parceria com a ótica Oftalmo Center, que cedeu os exames porque a gente percebeu que as crianças estavam com muita dificuldade de enxergar e dificuldade de aprendizagem também por conta disso. Isso foi um dano causado pelo Covid, essas crianças vão sofrer um ano de atraso na sua formação escolar.

Levando em consideração que as crianças mais pobres estudam menos porque vão mais cedo para o mercado de trabalho, a

gente está dizendo que tem um déficit de 2 anos, porque se ela ia parar de estudar na 8ª série, certamente ela vai parar de estudar na 6ª série e vai para o mercado de trabalho com menos nível de escolaridade, o que vai condená-la a um grupo de trabalho ou a uma área profissional com baixo salário, ou seja: a uma vida sem trabalho assalariado com carteira assinada. Está condenando a pessoa a ficar na pobreza. Foi isso que a pandemia trouxe para a gente e a ausência de política pública do Estado contribuiu para o acirramento dessa desigualdade.

É importante trazermos a mitologia africana como referência. Existem histórias de várias lyabás. As mulheres africanas nascem num contexto matrilinear matriarcal, diferente da sociedade patriarcal e falocêntrica, isto é, que tem o falo, o instrumento sexual masculino como centro de tudo. As sociedades tribais africanas, na verdade todas as sociedades abaixo da linha do Equador, eram sociedades matriarcais - eu acabei de lançar um livro agora falando sobre isso, ou seja, a mulher exerce um papel de igualdade com os homens, não um papel de subestimação, de subjugação, tanto que não havia estupro, não havia violência. As sociedades patriarcais são setentrionais, ou seja, elas vieram do Norte. Os países europeus, em virtude do frio, não eram comunidades coletoras, eles eram só caçadores. Havia dificuldade de cultivo da agricultura, então a mulher acabava ficando em casa na caverna e o homem ia caçar. Isso desenvolveu um instinto de violência, um temperamento de agressividade, de

competitividade, muito grande e também a ideia de que o homem era obrigado a trabalhar para sustentar uma mulher que ficava em casa fazendo nada (esse nada era cuidando das crianças). Isso fez nascer a misoginia, ou seja, a raiva involuntária do homem pela mulher.

Quando os povos indo-europeus invadiram os territórios abaixo da linha do Equador, eles usaram justamente o estupro como arma de punição dos corpos das mulheres para forçar uma gravidez compulsória, fazendo com que os seus filhos se tornassem herdeiros legítimos dos territórios que eram de propriedade das mulheres. Já nas sociedades matriarcais, as mulheres eram as donas da terra, porque os homens sempre morreram mais do que as mulheres, diferente das sociedades patriarcais e setentrionais.

Nas sociedades meridionais, ou seja, abaixo da linha do Equador, onde era mais quente, onde a agricultura era um elemento sobrevivência, as comunidades eram coletoras, ou seja, elas caçavam e colhiam. As mulheres desenvolveram atividades iguais aos homens e elas eram mantidas num lugar de sagradas, porque elas são um portal da vida. Nenhum homem veio ao mundo sem nascer de uma mulher. Todo homem dependeu de uma mulher para vir ao mundo. Esse papel oracular da mulher era mantido, então. Quando os povos euro-cristãos resolvem invadir os nossos territórios, eles vão usar o estupro, a violência, a gravidez compulsória, para desestruturar o papel sagrado daquela mulher (o sagrado feminino tão respeitado por todos e todas) - tanto que, posteriormente, eles criam a Inquisição para nos tacar fogo.

Ao estudar os Itãs, você vai ver uma Oxum que se rebela muito milenarmente contra isso e ela vai para a guerra e Orumilá a proíbe de ir à guerra; Iansã que, por exemplo, é uma Iyabá absolutamente atrevida, não aceita

punições e limitações, ela quer guerrear, ela quer caçar, ela quer aprender fazer tudo. Ela tem nove filhos e ela deixa os chifres de búfala com os seus filhos e vai fazer tudo que ela quis fazer e continua sendo a mãe provedora daqueles filhos. Então, eu acho que o mito de Oyá traz muito para a realidade de hoje, em que as mães solteiras administram entre 40% a 60% das famílias no mundo, segundo a ONU Mulheres. Ou seja, os homens abandonam as mulheres e as mulheres ficam sozinhas como responsáveis do sistema daquela casa. Até 60% dos lares no mundo, são dados da ONU, são administrados financeiramente somente por mulheres. Elas são as únicas responsáveis pela administração de uma casa e essas mulheres precisam trabalhar, então com quem ficam seus filhos? Oyá já estava dizendo isso, Iansã já dizia isso: "Olha, a gente vai trabalhar e a gente vai ter que deixar nossos filhos para quando houver uma emergência poderem me chamar e é com o chifre de búfala". Está no meu livro que eu acabei de lançar.

Então, beber na fonte de uma mitologia matriarcal, que não coloca essa mulher nessa posição de submissão, é fundamental! É um eixo orientador para a gente se perceber no mundo vendo, por exemplo, os nossos homens. E, por que eu estou falando "os homens"? Porque a gente pariu esses homens. A gente nasceu desses homens. Nós somos irmãs desses homens, a gente se relaciona com esses os homens, que cometem estupros e pedofilia, quando, na verdade, isso não é uma prática africana, isso não é uma prática indígena. Isso é uma prática dos povos indo-europeus. Na nossa tradição não tem! Então, quem trouxe esse comportamento foram esses povos dominadores escravocratas e que fizeram a gente agir dessa forma. A gente reproduz um comportamento étnico-tribal que não é da nossa tradição, mas da tradição do colonizador (eu não chamo

de colonizador; no meu segundo livro “Levanta favela, vamos descolonizar o Brasil” eu comento sobre isso). Como é que pode uma sociedade colonizada chamar estuprador, traficante, ladrão de criança e pedófilo de colonizador? Romanticamente, eles são traficantes, ladrões, invasores de terras alheias, assassinos genocidas, isso que eles são. A gente absorveu esse comportamento deles, tanto que a gente inclusive é até católico, não é? Até cristão a gente é. A gente pegou os deuses deles, sendo que eles usaram esses mesmos deuses pra dizer que a gente, preto e indígena, não tem alma. Para dizer que somos filhos do diabo e ainda nos deram outros nomes. É uma forma de uso da simbologia religiosa absolutamente desrespeitosa.

E aí a gente, ainda hoje, está batendo palmas para os santos católicos, jurando que eles são certinhos mesmo, que a gente os deve seguir, quando, na verdade, na tradição indígena e africana, a gente não deriva deles. No caso do Brasil, todo mundo tem uma gota de sangue negro ou uma gota de sangue indígena. Você é filho de um estupro. A sua história começa com um estupro! Uma ancestral sua, indígena ou africana, foi estuprada para que hoje você estivesse aqui! Se a gente não tem a pele totalmente preta é porque a gente foi atravessado por um estupro, alguém atravessou as nossas ancestrais, alguém nos atravessou, através dessa forma de violência. Até quanto à tradição religiosa, a gente precisa ter um olhar histórico e crítico. Às vezes, você está importando um conhecimento religioso que não era praticado pelo seu ancestral. O seu tataravô e a sua tataravó não professavam essa religião, mas a dominação do “euro-invasor”, chamado de colonizador, nos impõe a pensar na língua dele, a falar a língua dele, a se comunicar com Deus através da religiosidade dele. Porém a religiosidade dele foi a justificativa para nos escravizar durante anos. Sendo assim, a gente

precisa rever essas questões todas e eu acho que, se você não sabe de onde você vem, você não sabe para onde você vai.

Estudar a filosofia e a mitologia indígena e africana é ressignificar a sua existência no mundo e não apagar a memória de um processo de escravização e dor pelos quais passaram nossos ancestrais durante tanto tempo.



QUAL É A IMPORTÂNCIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA, CONTRA A MULHER E CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+?

É fundamental! Primeiro porque nós somos umas das poucas religiões no mundo onde as mulheres exercem um cargo sacerdotal, então o corpo feminino é muito mais receptivo a lidar com as denúncias de violência. Nós já acompanhamos alguns casos de mulheres que sofreram estupro marital ou foram espancadas pelo marido e, ao procurar homens de outras religiões, foram orientadas a obedecer ao marido e aconselhadas a entender que aquilo não foi um estupro, que aquilo é um direito do marido e que a mulher tem que servir. Então, infelizmente, muitas religiões ditas cristãs podem trazer uma perspectiva de um caso de violência como não violência, aumentando o tempo de tortura que aquela mulher e aquela família, conseqüentemente, vão ficar ali.

Levando em consideração que o Brasil é o 5º país em casos de pedofilia, isso também se torna gravíssimo, porque as mulheres não têm coragem de denunciar os homens sobre a violência contra a criança. A gente tem muitos casos de pedofilia que vão ser tratados nas religiões, não vão para a delegacia e, quando a mulher encontra uma outra mulher, ela fica mais à vontade e mais segura para falar porque, não poucas vezes, é comum que a mulher silencie a pedofilia, já que ela é agredida e ameaçada de morte para não denunciar.

Sendo assim, a liderança matriarcal das mulheres à frente da Umbanda e do Candomblé ajuda muito nesse sentido, tanto que, na minha experiência de 22 anos como uma matriarca, eu perdi a conta de quantos casos de denúncia de abuso sexual e violência contra a mulher eu recebi. Hoje eu entendo que é por eu ser esse corpo feminino. E em relação à população LGBTQIA+ é a mesma coisa. Nós fomos uma das primeiras religiões no mundo a aceitar

as pessoas homoafetivas. Então, essa população encontra nesse ambiente religioso um espaço de respeito, um espaço de possibilidade da sua humanidade ser exercitada independente da sua sexualidade. A gente tem um acolhimento muito forte, porque a maioria dessas pessoas foram desabrigadas ao assumirem a sua homoafetividade. Muitos e muitas são postos para fora de casa. Muitos e muitas sofrem abuso sexual por serem homoafetivos. É na religião que essas pessoas vão encontrar a cura para essas questões. As religiões de matrizes africanas têm um papel acolhedor muito forte para esses grupos perseguidos e vulnerabilizados.

“NÓS FOMOS UMA DAS PRIMEIRAS RELIGIÕES NO MUNDO A ACEITAR AS PESSOAS HOMOAFETIVAS.”

QUAL É A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO AFRO-RELIGIOSO NO SISTEMA PRISIONAL PARA VOCÊ, MÃE FLÁVIA?

Na minha opinião, é fundamental! De acordo com o Departamento Nacional de Administração Penitenciária, a Casa do Perdão é o único terreiro em todo o território nacional a oferecer assistência afro religiosa. Eu não tenho orgulho disso, porque eu queria que muito mais terreiros estivessem lá. Há 16 anos dentro do sistema, sem salário, com duas tuberculoses adquiridas a partir desse trabalho de contato com essa população, o que a gente percebeu na pandemia é que se a gente não tivesse levando material de higiene, de acordo com que a gente ouviu da própria direção, eles não saberiam como estariam se virando por lá, porque foi uma população que ficou abandonada no período da pandemia. As pessoas esqueceram que, se a pandemia estourasse dentro da cadeia, ela poderia então estourar aqui fora, porque as pessoas não estão totalmente isoladas dentro da cadeia. Entra um agente e sai do plantão, entra uma diretora e sai, entra alguém que vai coletar o lixo, entra alguém para levar comida... Ou seja, havia um contato das pessoas da sociedade com as pessoas na cadeia e, ainda assim, ninguém se preocupou com a prevenção. A gente não pode levar comida para cadeia, mas a gente pode levar material de higiene. Foi o que a gente fez a pandemia inteira: a gente levou o material de higiene (água sanitária, cloro, sabão em pedra, detergente, tudo que a gente pode levar, luva, máscara, álcool em gel, sabonete, shampoo, pasta de dente, absorvente, a gente levou). Foi essencial a gente ter levado isso e é preciso que mais terreiros estejam lá.

No nosso caso específico, como mulheres atendendo duas unidades femininas, faz bastante diferença essa liderança feminina, porque as mulheres vão ficar mais à vontade, se sentem mais seguras para falar com a gente. Tanto que a minha experiência de 13 anos trabalhando só com mulheres, eu posso atestar para você que

90% das mulheres que estão presas, antes de serem presas, antes de serem criminalizadas, foram vítimas de algum tipo de violência. Muitas foram vítimas de pedofilia na infância, muitas estupradas e muitas foram agredidas pelo marido. Isso é tão real que as mulheres cometem muito menos homicídios que os homens e a maioria, das poucas que cometeram, matou o agressor, ou seja, um homem, um pai, um padrasto, que batia nela há anos. Em dado momento, ela estoura e o mata. O que ocorre também é a mulher matar a pessoa que estava fazendo pedofilia com um filho, com uma criança. Na maioria das vezes, as mulheres matam por esses motivos.

